

A produção arquitetônica do imigrante italiano no Rio Grande do Sul segundo os romances literários de José Clemente Pozenato

The architectural production of the Italian immigrant in Rio Grande do Sul according to the literary novels of José Clemente Pozenato

usjt

arq.urb

número 33 | jan-abr de 2022

Recebido: 17/06/2021

Aceito: 26/03/2022

DOI: [10.37916/arq.urb.vi33.530](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi33.530)

Adilson Giglioli*, Thaís Maria Rossetto**, Dirceu Piccinato Júnior***

*Faculdade Meridional, Brasil, adilsongiglioli@gmail.com

**Universidade de Passo Fundo, Brasil, thaisrossetto@outlook.com

***Faculdade Meridional, Brasil, dirceu.piccinato@imed.edu.br



Palavras-chave:

Arquitetura italiana;
Romances literários;
Imigração Italiana;
Memória;
Identidade.

Keywords:

Architecture;
Literature;
Italian Immigration;
Memory;
Identity.

Resumo

O presente artigo consiste em uma investigação sobre o espaço de habitar do imigrante italiano no Rio Grande do Sul, tomando como objeto de análise os romances literários “A Cocanha” e “O Quatrilho”, obras de José Clemente Pozenato. A questão-chave para o desenvolvimento deste estudo refere-se à evolução das construções dos imigrantes ao longo do tempo, levando em conta os aspectos objetivos e subjetivos do morar. Quanto à metodologia, o artigo estrutura-se em torno do estudo dos romances, anteriormente citados, e a partir deles desenvolve-se o levantamento iconográfico e bibliográfico específico acerca do processo da colonização italiana na Serra Gaúcha. Com a compilação e organização dos dados obtidos foi possível construir uma linha cronológica, organizada de acordo com essas narrativas literárias e com os referenciais teóricos. A síntese dessas informações permitiu idealizar análises que ultrapassam o campo arquitetônico, adentrando também em questões emocionais e históricas mediante a utilização de uma metodologia interdisciplinar que envolve a literatura como campo de estudo. A arquitetura quando combinada com a literatura e materializada em fotografias, expressa, para além dos aspectos técnicos, uma dimensão poética, contribuindo para o entendimento das construções como cenários da vida humana, carregados de sentimentos, memórias, identidade e cultura local.

Abstract

This article consists of an investigation into the space of inhabitation of the Italian immigrant in Rio Grande do Sul, taking as object of analysis the literary novels “A Cocanha” and “O Quatrilho”, works by José Clemente Pozenato. The key issue for the development of this study refers to the evolution of immigrants' constructions over time, taking into account the objective and subjective aspects of living. As for the methodology, the article is structured around the study of the novels, mentioned above, and from them, a specific iconographic and bibliographic survey is developed about the process of Italian colonization in the Rio Grande do Sul mountains. With the compilation and organization of the data obtained, it was possible to build a chronological line, organized in accordance with these literary narratives and theoretical references. The synthesis of this information allowed the idealization of analyzes that go beyond the architectural field, also entering emotional and historical issues through the use of an interdisciplinary methodology that involves literature as a field of study. When combined with literature and materialized in photographs, architecture expresses, in addition to technical aspects, a poetic dimension, contributing to the understanding of constructions as scenarios of human life, loaded with feelings, memories, identity and local culture.

Introdução

A literatura, enquanto arte, é, em grande medida, uma tentativa de evocar e narrar espaços, sentimentos e memórias, sejam estes vividos, sonhados ou imaginados (GAUDENCIO, 2018, p.57).

O ato de morar é uma manifestação de caráter cultural e enquanto as técnicas e materiais variam com o progresso, o habitar um espaço, além de manter vínculos com a modernidade, também está relacionado com os usos e costumes tradicionais da sociedade (LEMOS, 1996, p. 07-08).

Para Gaudencio (2018), a casa representa a proteção e o abrigo físico para o corpo, embora, o que se sobressai sobre a imaterialidade de uma casa, é a sua capacidade de abrigar, receber, recolher, proteger. A casa é uma identidade de lugar, um endereço, uma identificação do sujeito no espaço. Esses são sinônimos intangíveis da espiritualidade atribuídos à ideia de casa e o imaginário pensado sobre ela e seu entorno. “Quem deseja uma casa, ou deseja voltar para casa, deseja o encontro ou reencontro da sua identidade, vez que, dentro de casa, dentro da nossa privacidade é onde somos o que realmente queremos ser” (GAUDÊNCIO, 2018, p. 53).

Motivados pelo desejo e inquietações de investigar o passado, este artigo tem como objetivo estudar as transformações da casa do imigrante italiano no Rio Grande do Sul, Brasil, através dos romances literários “A Cocanha” e “O Quatrilho” de José Clemente Pozenato, realizando uma análise dialógica entre literatura e arquitetura.

O presente estudo almeja contribuir para a compreensão histórica das transformações relacionadas à casa do imigrante italiano e seus significados e aspectos objetivos e subjetivos no período histórico referente à colonização da Serra Gaúcha, almejando contribuir para a valorização do patrimônio cultural da região colonial Serra Gaúcha, Rio Grande do Sul.

A busca pela compreensão deste espaço de habitar não é apenas um saudosismo, mas sim, um resgate cultural, permitindo às novas gerações a compreensão desse importante período que marcou a história da Serra Gaúcha, bem como do estado do Rio Grande do Sul. É importante ressaltar que parte da identidade dessa comunidade, através de seus esforços e bagagem cultural, contribuiu para a construção e consolidação da paisagem local.

Para constituir essa análise entre o romance fictício e a materialidade arquitetônica, o tratamento metodológico adotado constituiu-se, particularmente, em estudos das obras de José Clemente Pozenato, de onde foram extraídos trechos de seus romances e depois foram correlacionados com dados levantados em pesquisa iconográfica das casas de imigrantes italianos da região em estudo.

Observa-se que muitos estudos sobre o espaço de morar, geralmente tratam das questões relativas à casa de forma técnica ou sobre aspectos projetuais, entretanto, para este artigo, deseja-se evidenciar a temática da imaterialidade da casa. Nesse ensejo, ao considerar os aspectos objetivos e subjetivos, leva-se em conta a necessidade de morar, os usos da casa, as técnicas e tecnologias construtivas aplicadas, assim como o simbolismo associado à moradia, suas motivações, significados, desejos e anseios da família e o sentimento de poder e ascensão.

Para Funari e Pelegrini (2008), a casa recebe a conotação de patrimônio imaterial, sobretudo, quando é abordada mediante o conceito de habitar, onde entende-se por imaterialidade tudo aquilo que não se pode tocar. Como fatores imateriais de uma casa pode-se caracterizar as práticas sociais, as técnicas, o saber-fazer, as expressões artísticas, os conhecimentos, o imaginário e tudo mais que está associado à memória imaterial da casa.

Para compreender melhor o recorte histórico adotado para este texto, desenvolveu-se um aporte teórico com base em bibliografia específica, objetivando elucidar os principais aspectos políticos, econômicos, geográficos e culturais do período da colonização e imigração italiana no Rio Grande do Sul.

José Clemente Pozenato

José Clemente Pozenato nasceu na comunidade de Santa Tereza, município de São Francisco de Paula/RS em 1938. É Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS. Tem vasta produção literária, onde explora, de forma crítica e realista, o cenário e as tradições da região de colonização italiana no Rio Grande do Sul. Sua obra mais conhecida é o romance “O Quatrilho”, um marco na literatura brasileira com adaptação para o cinema em 1995, recebendo indicação ao Oscar em 1996 (POZENATO, 2008).

Através do romance “O Quatrilho”, o autor despertou interesse do imaginário coletivo da região, do país e de alguns países no exterior. Através deste romance,

Pozenato deu início, em 1985, a uma trilogia que mais tarde seria complementada com as obras “A Cocanha” e “A Babilônia”. São romances que mostram três gerações das mesmas famílias, cada geração com seus sonhos, seus dramas, suas derrotas e suas pequenas conquistas (POZENATO, 2008). São histórias que fazem um convite a um mergulho na grandeza e na miséria da condição da vida humana, especialmente da trajetória dos imigrantes nas colônias gaúchas.

Em síntese, José Clemente Pozenato escreveu três romances. O primeiro, denominado “O Quatrilho”, relata a história de uma troca de casais, que se relaciona com o jogo de cartas típico dos imigrantes, chamado de quatrilho. O segundo, “A Cocanha”, narra a trajetória de imigrantes que saem do porto de Gênova em 1893, na busca por uma vida melhor na América. E, por fim, o último romance, denominado “A Babilônia”, encerra a trilogia que trata da imigração italiana no Brasil. Esse último romance não foi contextualizado neste estudo por enfatizar, especialmente, as relações afetivas entre os personagens, com seus desafios de convívio em suas novas estruturas familiares, dado a troca de casais, assim como, evidencia as questões políticas, econômicas e ideológicas do período em que se passa o romance. Devido ao contexto, o tema relacionado à arquitetura e o espaço de morar do imigrante foi pontualmente abordado, uma vez que, sua evolução histórica, de interesse para a narrativa, foi apresentada nas duas primeiras obras.

Caminhos da imigração

Segundo Alvim (2000), a partir de 1841 iniciou-se o movimento de imigração italiana, fazendo com que cerca de 7 milhões de italianos deixassem seu país de origem para migrar para outros países, dentre eles e em grande número de pessoas, o Brasil. A emigração na Europa foi motivada em grande parte pelo processo de industrialização e modernização, o qual provocou em inúmeros países o êxodo rural.

A Itália passou de uma economia agrária para uma industrial, transformando completamente as estruturas sociais. Diante de um processo de urbanização, com consequente proletarianização de numerosos contingentes de camponeses emigrados para as cidades, a mão-de-obra rural, destituída do trabalho na sua terra, passa a compor uma massa de assalariados urbanos. Aqueles que, por razões as mais diversas, não eram absorvidos nas engrenagens da produção industrial, tornavam-se

vítimas da marginalização social, constituindo o grande manancial emigratório para outras áreas europeias ou para outros continentes (FÁVARO, 2006, p. 309).

Para Herédia (2001), a política brasileira de colonização efetivamente começou com o objetivo de renovar as estruturas trabalhistas, substituindo gradativamente a mão de obra escrava pela mão de obra europeia livre e assalariada, devido à expansão da causa abolicionista, tendo também como objetivo a ocupação dos espaços vazios, que propiciasse o desenvolvimento da agricultura, da indústria e do comércio, incentivando a formação de novas cidades, fomentando a criação de serviços e infraestrutura, auxiliando o desenvolvimento do país. Além desses, ainda havia um outro objetivo que permeava as políticas de incentivo da migração europeia, que era a de branquear a raça, política essa, assumida pela elite intelectual brasileira e pelos legisladores do Império.



Tradução do Cartaz:

Na América

Terras no Brasil para os italianos.

Navios partindo todas as semanas do porto de Gênova.

Venha construir seus sonhos com sua família.

Um país de oportunidades. Uma vida de abundância em um clima tropical. Riquezas minerais. O governo dá terras e utensílios a todos.

(Tradução livre dos autores)

Figura 1: Cartaz utilizado para promover a imigração italiana no Brasil. Fonte: Pesquisa italiana. Disponível em: <https://pesquisaitaliana.com.br/dia-do-imigrante-italiano-no-brasil/>

variação na comunidade, e o trabalho ligado à vitivinicultura (MANFIO; PIEROZAN, 2019, p. 150).

De acordo com Barrili (2011), a grande maioria dos imigrantes eram pessoas humildes, em grande parte do norte da Itália, que alimentavam o sonho de uma vida melhor e chegaram ao mesmo lugar com os mesmos objetivos: terra, trabalho e liberdade. Esses imigrantes eram alimentados com propagandas de que o Brasil era um país onde “corria leite e mel”, e as frutas tinham sabor e tamanho fora do normal, o clima dispensava os pesados casacos de inverno (Figura 1). Porém, esse clima tropical incluía frio em solo brasileiro, o que fez muitos imigrantes se depararem com uma outra realidade, a de que parte deles não teriam um abrigo, uma casa.

Pesavento (2002) argumenta que com referência à vinda dos italianos, o interesse desse movimento migratório se estruturava sob dois fatores básicos: promover o abastecimento do mercado interno brasileiro gerado pelo complexo cafeeiro e constituir no Sul do país, núcleos coloniais de imigrantes bem-sucedidos que pudessem servir como foco de atração à imigração estrangeira para o país.

Segundo Sarate (2014, apud FOGAÇA, 2019), oficialmente, no Rio Grande do Sul, o processo de colonização italiana começou em 1875 com a chegada de imigrantes no distrito de Nova Milano, hoje distrito de Farroupilha/RS. A partir de então, o Governo Imperial passou a coordenar a chegada dos novos moradores que se estabeleceram nas colônias de Caxias (atual município de Caxias do Sul), Conde D’Eu (atual município de Garibaldi) e Dona Isabel (atual município de Bento Gonçalves) (Figura 2).

Para Manfio e Pierozan (2019), a colonização realizada no Brasil permitiu a formação de territórios com marcas identitárias de grupos étnicos. Os italianos formaram vários territórios marcados pela sua presença e de seus descendentes. Isto devido, principalmente, ao processo de desterritorialização que os italianos estavam enfrentando na Itália, somam-se ainda problemas socioeconômicos e a reterritorialização em solo brasileiro. Para os autores:

À medida que se foram territorializando, esses colonos passaram a implantar na Serra Gaúcha os costumes e hábitos que mantinham na Itália, com o intuito de relembrar sua origem, manter sua identidade e tradição presentes na nova pátria como, por exemplo, o filó¹, a religiosidade católica, que passou a ter mais de uma

¹Na cultura italiana, o filó diz respeito às reuniões entre vizinhos que aconteciam nas casas das famílias, onde geralmente partilhavam a comida, cantavam e rezavam.

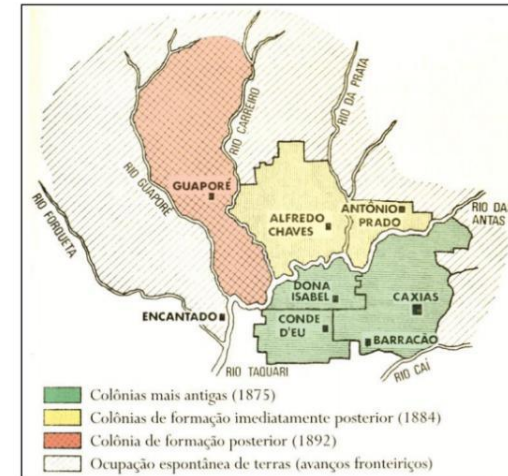


Figura 2: Mapa ilustrativo das colônias de imigrantes na Serra Gaúcha. Fonte: Frozi e Mioranza (1975).

Nesse sentido, Frosi e Mioranza (2009) argumentam que os imigrantes italianos trouxeram consigo, de sua pátria, a convicção íntima e singela, quase um sonho, de construir grandes cidades, grandes centros econômicos, conforme atestam cartas enviadas desta região à imprensa do Norte da Itália em fins do século XIX e início do século XX.

Da mesma maneira que almejavam fundar cidades, os migrantes italianos desejavam construir suas casas, amplas e belas como as casas dos grandes senhores na Itália, entretanto, esse sonho teve de ser adiado pela falta de recursos, não só financeiros, mas também de materiais construtivos, uma vez que o território onde as colônias foram implantadas era de difícil acesso, com poucas estradas, topografia acidentada, leitos de grandes rios, nos quais as pontes ainda não haviam sido construídas, em suma, era um território inóspito.

O espaço de morar do imigrante passou por transformações, as quais, Júlio Pose-nato (1983) classifica em quatro fases distintas, que, em sua maioria, refletiam os avanços econômicos e a estabilidade dos colonos. Quanto às fases, o autor classi-fica como: 1ª – Construções provisórias de recebimento dos imigrantes nas colônias do programa de imigração; 2ª – Construções primitivas, onde a edificação já possuía uma área maior e com telhado de até quatro águas; 3ª – Período do apogeu, entre 1890 até 1930, onde as construções, amplas e bem estruturadas, refletiam a afir-mação do colono como um ser realizado, época de prosperidade da propriedade, boas colheitas e fartura; 4ª – Período tardio, entre 1930 e 1960, caracterizado pela integração entre as comunidades de imigrantes e a brasileira, melhoria dos trans-portes, acessos e industrialização. Esses fatores refletiram em construções de uso misto (madeira e blocos de barro), assim como na presença de elementos como o ferro fundido na ornamentação. Conquanto, Posenato afirma que: “devido ao seu caráter dinâmico, não podemos estabelecer uma cronologia rígida para nenhum dos períodos arquitetônicos da imigração italiana, tanto os provisórios quanto os perma-nentes” (POSENATO, 1983, apud FILIPPON, 2007).

O habitar do imigrante

Morar bem não é habitar espaços abastados ou bem localizados, morar bem é possuir um abrigo para o corpo físico, mas, sobretudo, é habitar um espaço onde possam repousar as emoções, a formação de memórias, o encontro de afetos. A casa é uma continuidade do sujeito (GAUDENCIO, 2018, p. 56).

Ao longo do enredo dos romances “O Quatrilho” e “A Cocanha”, o autor José Cle-mente Pozenato narra a ambientação da colônia, descrevendo fielmente a realidade do espaço de habitar dos imigrantes italianos, revelando suas dificuldades, medos, inquietações e as frustrações de não conquistarem os objetivos que os motivaram a imigrar, sobretudo, os avanços e a vontade de progredir. Para o autor, “esses colonos pareciam trazer consigo uma compulsão que os impelia a buscar sempre mais. Um ímpeto civilizatório (...) ou uma ambição sem limites” (POSENATO, 2011, p.226).

Os imigrantes que se despediram da Itália agitando os braços e gritando sem parar: “Viva la Mérica! Viva il paese dela cuccagna!” (POSENATO, 2011, p. 9), foram os mesmos que, ao chegar em território brasileiro, se depararam com um cenário que não condizia com o que as propagandas prometiam, tampouco se aproximava do imaginado. Era uma realidade muito diferente da utópica *cuccagna*² (cocanha), onde quem trabalhava menos ganhava mais, onde as montanhas derramavam moedas de ouro, chovia pérolas de diamante, *nhoque* ou *ravioli*, os navios eram carrega-dos de mortadelas, salames e queijos, e os rios eram de vinho (Figura 3).



Figura 2: Descrição do País da Cocanha. Gravura pintada a mão. Coleção Remondini, Milano, 1606. Fonte: Yobenj Aucardo Chicangana-Bayona, 2013.

Na América de poucas facilidades, e mandados para uma região pouco desenvolvida, os colonos encontraram inúmeras dificuldades e desafios, o primeiro deles foi o morar. Diferente das casas dos senhores e condes italianos, construídas em

²A Cocanha representa um mito, utopia, ideologia, sonho que alimentou o imaginário de vários povos, sob as formas mais diversas. A maravilhosa Cocanha é: Terra de abundância, liberdade, ócio, prazeres absolutos, eterna juventude (LE GOFF, 1998).

pedras, os colonos precisaram se adaptar à escassez de materiais e à matéria prima abundante na Serra Gaúcha, a madeira de araucária, um material construtivo que não fazia parte dos seus conhecimentos e do saber-fazer.

Antes de alcançarem o sonho de terem sua própria colônia, onde edificariam suas casas, os imigrantes passaram um tempo ainda vivendo em grupo, como relata Pozenato no livro “A Cocanha”:

O barracão era agora um reino de mulheres e crianças, ao menos enquanto não chegasse outra leva de imigrantes [...] A maioria dos homens tinham seguido para o mato, para derrubar árvores e erguer a primeira casinha da família [...] Rosa Gardone sentou-se à janela da rua, com sua agulha de crochê e seus pensamentos. Sentia-se dividida. Ansiava ir logo para sua própria casa, onde teria o filho e, enfim, a vida que sonhara com Aurélio. Mas tinha receios também. O maior deles, pensava, era a solidão que iam ficar. Nunca tinha vivido só, longe dos outros. [...] Na viagem e até agora, naquele barracão em que estavam alojados, sempre estivera rodeada das amigas, de vizinhos, de conhecidos. Todos vivendo as mesmas durezas, todos se ajudando, todos se consolando (POZENATO, 2011, p. 118).

Neste primeiro momento, representado pelo barracão coletivo (Figura 4), era assim que, ao exemplo de Rosa, as mulheres passavam seus dias na nova colônia, à espera do marido que havia ido até a colônia³ adquirida, preocupadas e com medo do desconhecido, mas também com o desejo e a ansiedade de recomeçar.

Os homens, por sua vez, seguiam pelo mato abrindo picadas em direção aos lotes destinados a cada um, onde abriam roçados com suas foices. Seguiam o trabalho no local derrubando pinheiros e rachando as lenhas que seriam a principal matéria prima para a construção das casas. “Usavam troncos mais grossos para a fundação e estacas nos cantos e nas laterais para apoio. Posteriormente, os encaixes eram talhados nos troncos e as tábuas eram posicionadas. Para a cobertura utilizavam tesouras de madeira, taquaras e folhas de coqueiro” (POZENATO, 2011, p. 125 e 127). Esta genuína arquitetura vernacular exemplifica a segunda fase das construções da colonização italiana (Figuras 5).



Figura 4: Barracão dos imigrantes da Colônia Caxias, local onde as famílias eram cadastradas e aguardavam a destinação dos lotes. Construção de 1885. Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami – Caxias do Sul, s/d.

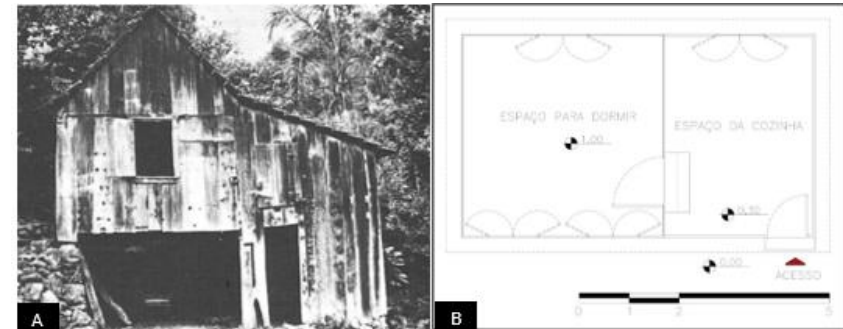


Figura 5: A: Uma das primeiras casas em madeira construídas na área colonial italiana. Fonte: Professor Pier Luigi Beretta (1974). B: Planta Baixa esquemática de uma casa típica do segundo período. Fonte: Autores, 2021.

Em um trecho do livro “O Quatrilho”, o personagem Ângelo exprime em um momento de reflexão as dificuldades destes primeiros anos da colonização italiana na Serra Gaúcha e o apreço por todo esforço de seus pais:

³Colônia é o termo utilizado para se referir à porção de terra comprada pelo imigrante italiano.

Santa Corona estava agora um bonito lugar para se viver. [...] Era uma pena deixar tudo isso e ir outra vez para o meio do mato, sem casa, sem estradas. Ele não tinha saudades de quando era criança, da fome e do frio que tinha passado. E isso que o pai já havia feito o pior: derrubar o mato, rachar pinheiros com machado e cunha, fazer a primeira casinha. Aquela que era agora o paiol. Quanto padecimento! Pobre mamãe. Quanto não sofreu, também ela (POZENATO, 2008, p. 77).

Ao longo de seus romances, Pozenato (2011) narra como, mesmo com instalações simples e provisórias, as pequenas casas de madeira abrigavam a vontade de prosperar e a força dessas famílias. Com apenas três por quatro metros, uma janela na frente e uma nos fundos e uma pequena cozinha separada do corpo principal da casa, essas moradias representavam uma conquista própria, um renascimento, um novo futuro, uma nova oportunidade de vencer (POZENATO, 2011, p. 144). Como destaca Filippin (2007, p.63), “nessa moradia não há setorização de usos, pois o mesmo espaço é destinado para várias funções, sobrepondo-se os usos social, íntimo e de serviço”.

Ainda segundo Filippin (2007), o processo de idealização e construção do lar é identificado como uma manifestação cultural, visto que esta criação reflete as experiências e os conhecimentos já adquiridos pelo homem. Além disso, são estes espaços edificados que exprimem o modo de pensar, de agir e de viver deste grupo social.

Estes lares eram o cenário da vida cotidiana dos imigrantes, onde a cozinha ganhava um destaque especial pois era nela onde as relações familiares e sociais aconteciam, com os momentos de partilha do alimento e dos filós com os vizinhos. A cozinha era o espaço de longa permanência das mulheres, exceto em época de plantio e colheita, quando acompanhavam os maridos na lavoura, auxiliando-os. Passado esse momento, elas permaneciam em suas casas preparando a comida e cuidando dos afazeres domésticos. Tal conjuntura é revelada no romance “O Quartilho”, quando Gema visita a amiga Rosa e vê a cozinha improvisada feita com estacas e um telhado coberto de palmas e debaixo dele duas pedras alinhadas. Para Gema, isso era um absurdo, pois ela mesma havia pedido para o seu marido construir primeiro uma cozinha decente e depois o restante (POZENATO, 2011, p. 150).

Além da casa, a lavoura também era cenário da vida destas pessoas, principalmente dos homens da família. Era com a dedicação ao trabalho que eles buscavam

ter condições melhores do que aquelas vividas na Itália. Com o passar do tempo, o lote, que antes abrigava apenas a simples “casa de dormir” e “casa de cozinhar” com uma pequena plantação, foi se modificando:

[...] Cada propriedade tinha um pequeno aglomerado de construções. Além da casa e da cozinha, sempre separadas e distantes oito ou dez metros, havia algum abrigo para as galinhas, o chiqueiro para um ou dois porcos, um telhado para o cavalo e a vaca. [...] Bem diferente das moradias dos tropeiros de Cima da Serra, com apenas o rancho, o terreiro de chão batido e um cachorro latindo (POZENATO, 2008, p. 226).

É considerando relatos como estes que se observa que os imigrantes italianos são representados como exímios homens trabalhadores e ambiciosos, diferenciando-se da cultura dos antigos tropeiros dessa região. O trabalho é destacado como um valor que deve ser sempre cultivado. Essas narrativas do passado perduram até os dias de hoje, influenciando diretamente na (re)configuração da identidade dos descendentes destes imigrantes.

Como citado acima, na terceira fase, caracterizada como o Período do Apogeu, a casa era concebida em dois blocos, separados entre si através por um corredor (Figura 6). Esta característica comum entre a maioria das construções da época se dava, particularmente, como uma forma de prevenção a incêndios, visto que o fogo utilizado era o de chão, conhecido como “focolare”, e as casas, em sua grande maioria, eram feitas em madeira. O fogo, além de permitir a atividade do cozinhar, também exercia a capacidade de unir a família e amigos, e reforçava a função social deste espaço, essencial na cultura do morar do imigrante italiano (FILIPPON, 2007). O outro bloco, por sua vez, conformava-se como a área íntima da casa, com uma sala ampla utilizada para confraternizações, a qual ligava-se aos quartos e a escada que levava ao sótão, espaço este utilizado como dormitório dos filhos mais novos e para armazenamento de grãos (Figura 7).



Figura 6: Residência edificada por volta de 1905. Fonte: Autores, 2020.

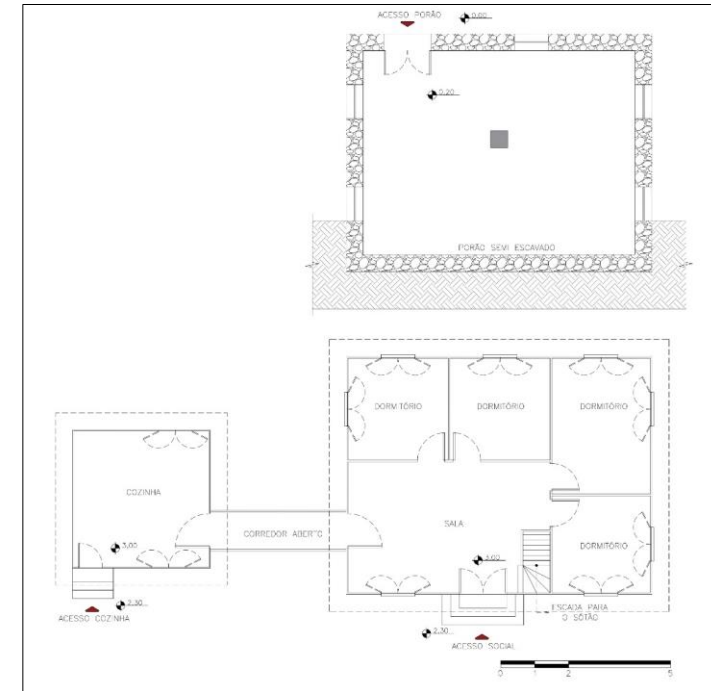


Figura 7: Planta baixa esquemática de uma casa típica do terceiro período. Fonte: Autores, 2021.

Examinando as figuras anteriores é possível entender melhor a funcionalidade das residências italianas na Serra Gaúcha. Na casa em questão, caracterizada na Figura 7, remanescem os aspectos relativos da época, como a madeira de pinheiro “lascada” (serrada) em pranchas in loco, medindo entre 4 e 6 metros; o porão é semiescavado em pedras assentadas sem argamassa do tipo taipa e a cobertura, que na época era de madeira lascada irregular, conhecida como “scandole”, posteriormente foi substituída por telhas coloniais.

Um aspecto que se destaca ao longo do período de colonização italiana no Rio Grande do Sul, foi a forma de ocupação dos colonos, uma vez que eles buscavam formar vilarejos e comunidades como uma tentativa de proteção mútua, ajuda e manutenção da identidade cultural. Um dos aspectos presentes nessa construção do senso de coletividade dos colonos italianos foi a religião. Para eles a religião era um elemento agrupador e, de certa forma, centralizador, tanto nas vilas urbanas, como nos povoados mais remotos. Em ambos os aspectos, a igreja, a capela, ou capitel⁴, sempre tiveram um papel importante na construção comunitária dos colonos italianos.

⁴Capitel refere-se a uma pequena construção que buscava representar uma Igreja em uma escala menor, normalmente localizado as margens de estradas, cruzamentos e entradas de propriedades. Eram erguidos por devoção da família em homenagem à uma santidade.

Além do âmbito coletivo, no convívio familiar a fé cristã sempre foi um dos principais valores da família italiana, juntamente com o trabalho. Era através da fé que se buscava a força para enfrentar e superar as dificuldades, especialmente aquelas vivenciadas por parte das mulheres que mantinham uma postura de resignação diante das dificuldades enfrentadas. A prática dos rituais cristãos representava uma forma de conexão com os antepassados que permaneceram na Itália, bem como conformava-se numa maneira de se integrar à comunidade e à rede de apoio que era oferecida. Esse contexto podia ser observado na moradia, onde, mesmo em condições ainda difíceis, não poderia faltar um pequeno oratório para as orações e a devoção, como se pode notar na descrição a seguir:

Ela não ia dizer o que faltava, estavam apenas no começo, o resto iam conseguir com o tempo. Mas disse que queria um lugar para a santa. Uma prateleira pequena, perto da cama. [...] Rosa tirou do fundo do baú o quadro da Madona e a toalinha de crochê. Entronizou a Madona na prateleira e disse, como se falasse para uma amiga: “Cuida bem desta casa” (POZENATO, 2008, p. 145).

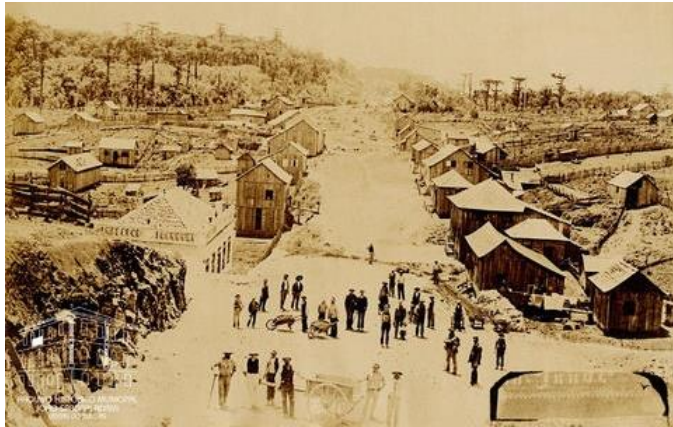


Figura 8: Rua principal da Colônia Caxias, a qual mais tarde se tornaria o centro da cidade de Caxias do Sul, 1885 – 1897. Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami – Caxias do Sul.

Diferente das características encontradas no interior, os lotes localizados na sede da Colônia Caxias possuíam dimensões menores e as moradias erguidas deveriam

respeitar um prazo para início da construção, sob pena de perder o terreno, e “não bastava erguer um rancho. A casa tinha de atender ao regulamento: tamanho, altura, número e posição das janelas. Devia limpar e destocar todo o lote e a rua em frente” (POZENATO, 2011, p. 211) (Figura 8).

A casa, em seu sentido material e tipológico, acompanhou a melhora de vida das famílias, pois, além de proporcionar maior conforto, ela deveria estar sempre à altura das condições financeiras alcançadas. Segundo Posenato (1983, apud FILLIPON, 2007, p.53), “mais do que uma necessidade de dimensionamento, a escala mostra a arquitetura como monumento à autoafirmação do indivíduo como ser livre e realizado”.

A casa do seu Tommaso, o amigo do pai, era imensa. Um palácio, como os das histórias que a mãe contava da Itália. Era toda de tijolos, tinha vidros nas janelas, e o assoalho brilhava com o sol batendo nele. Era numa casa assim que gostaria de morar. “Um dia vamos ter uma assim”, disse a mãe, “seu Tommaso foi um dos primeiros a chegar no Brasil”. Uma grande escada levava ao sótão e, para alegria de Teresa, foi para lá que a levaram com as irmãs (POZENATO, 2011, p. 349 e 350).

Nessa evolução descrita da terceira para a quarta fase, destaca-se a mudança singular da matéria prima, ou seja, na quarta fase a madeira passou a ser substituída, ou utilizada conjuntamente com blocos cerâmicos. As janelas possuíam caixilhos de vidro e o assoalho substituíam o chão de terra batida, sendo o último característico da terceira fase (POZENATO, 2008, p. 62). Essas características são descritas por Posenato (1983) como concernente ao 4º período da arquitetura do imigrante italiano.

Muito desta necessidade de mostrar a prosperidade da família e de sua propriedade estava relacionada com os tempos de miséria vividos na Itália. Muitos homens embarcaram nesta jornada com o desejo de fazer suas esposas *signoras* (senhoras) e de serem donos de seu próprio pedaço de terra a fim de, futuramente, ter algo para deixar de herança aos filhos (POZENATO, 2008, p. 14). Para isso, vendiam grande parte de seus pertences, que já eram poucos, para serem lançados à própria sorte em um território desconhecido. Depois de todo medo e sofrimento vividos, e de, a muito custo, estarem prosperando, era natural a vontade de mostrar aos demais os frutos do árduo trabalho.

Este orgulho pelo que haviam conquistado até então era demonstrado com alegria ao ver outros colonos admirando e desejando ter o mesmo, como demonstrado no trecho abaixo:

O vestido de seda custou a entrar no corpo. Tinha ficado mais gorda, constatou Pierina, satisfeita. Pena que não fosse um vestido longo como se usava antigamente. Não se acostumara ainda com essa moda de vestido pelo joelho, mas era o que todas usavam pela cidade. Penteou os cabelos em bandós, para os brincos ficarem bem à vista, e colocou o colar de pérolas e o bracelete de ouro. Não dava muito valor a esses luxos, mas o Ângelo achava que não deveriam parecer miseráveis. Afinal de contas, tinham construído uma das melhores casas de Caxias. Toda de pedra e tijolo, com dois andares, portão de ferro trabalhado, enfeites em cima das portas e das janelas. Ela mesma gostava de parar na frente, do outro lado da rua, para ficar admirando. E era a sua casa, que todos olhavam com inveja (POZENATO, 2008, p. 253) (Figura 9).

Mediante os estudos dos romances de José Clemente Pozenato e das imagens referentes às fases e tipologias construtivas, todas localizadas no território da Serra Gaúcha nordeste, principal ponto de concentração dos imigrantes italianos, é possível notar as transformações que ocorreram ao longo do tempo referente à moradia dos imigrantes.

Quanto à primeira fase das construções, por serem abrigos temporários para as famílias de imigrantes que eram oferecidos pelo governo, ocuparam pouco espaço de destaque no imaginário das famílias de colonos italianos. Quanto à segunda fase, percebe-se que as construções eram singelas, onde os aspectos objetivos prevaleciam, sendo os subjetivos, apenas projeções para o futuro da família. A madeira e a pedra destacam-se como principais materiais construtivos. Essas casas eram construídas em apenas um volume, seguindo o preceito forma-função. Toda as atividades da família eram feitas em um mesmo espaço, ou então, logo acrescentavam um novo bloco, ainda junto ao corpo principal, destinado exclusivamente para a cozinha.

Em um terceiro momento, conforme os imigrantes foram se estabelecendo na colônia e ganhando prática com o trabalho de corte da madeira, aos poucos foram construindo suas casas, já em condições melhores. Essas construções apresentavam avanços nas técnicas e tinham um tempo maior de dedicação, dado ao fato que eles já possuíam um abrigo, isto é, uma construção provisória. Essas moradias caracterizavam-se por novas setorizações, evidenciando um novo elemento no

programa de necessidades, o porão semiescavado. Ele funcionava como depósito ou oficina para trabalhos manuais.

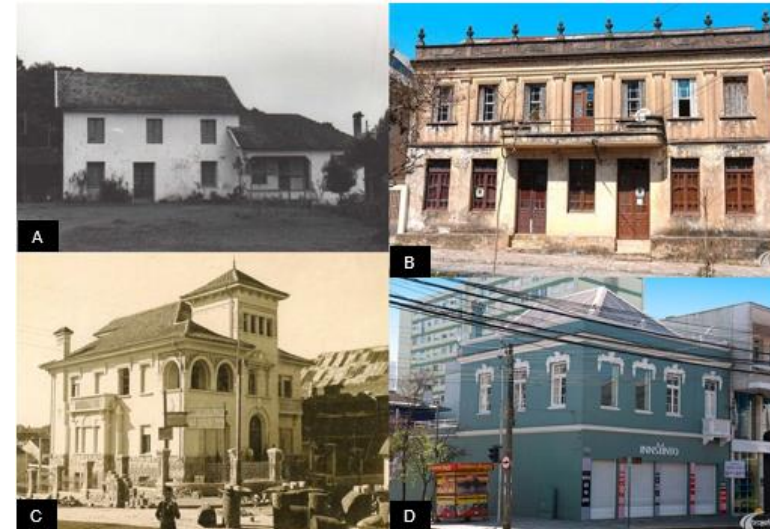


Figura 9: Esquema de Imagens para evidenciar quatro variações de tipologias referentes à quarta fase da arquitetura da imigração italiana. Figura **A:** Construção na zona rural de dois pavimentos edificada em blocos cerâmicos, com poucos adornos. Fonte: IPHAE, 1994. Figura **B:** Edificação com a presença de adornos na platibanda, um balcão com parapeito de ferro fundido e janelas com veneziana. Fonte: Acervo da Família Badini, s/d. Figura **C:** Palacete da Família Eberle no centro de Caxias do Sul, pertenceu à família que o nomeia, imigrantes italianos que empreenderam no ramo metalúrgico e construíram um grande patrimônio, sendo a casa, construída em 1938, uma demonstração do progresso da família em terras brasileiras. Fonte: Acervo da Imobiliária Crédito Real, s/d. Figura **D:** Casarão histórico no centro de Caxias do Sul, representativo da quarta fase, com adornos sobre as aberturas e a presença da tipologia mista, atendendo as demandas da cidade na época. Fonte: Acervo da Família Badini, s/d.

Na maioria dos casos, a construção onde era instalada a cozinha, costumava ser separada do bloco dos quartos e da sala, ligadas por um passadiço que desempenhava uma função importante, a de resguardar a casa de futuros riscos de incêndios. Além desses ambientes, idealizou-se um novo cômodo, o sótão. A conexão com ele acontecia através de uma escada localizada, em boa parte das construções, na sala. Esses cômodos, além do aspecto objetivo de abrigo, expressavam

também aspectos subjetivos, aqueles vinculados a um ideal de uma bonita moradia. Adoções estéticas também eram aplicadas nas construções, como alinhamento de esquadrias, simetria e proporção.

Quanto à quarta fase, as construções eram a representação do trabalho, da prosperidade das novas terras e o interesse em reafirmar o status social da família. Nesse momento percebe-se o início da substituição da madeira como elemento construtivo principal, onde, passou a ter destaque a utilização de blocos cerâmicos ou até mesmo de adobe. A casa demonstrava a evolução e o progresso da região de colonização italiana como um todo. Além disso, na quarta fase, já era possível ter acesso a elementos decorativos como o ferro fundido, utilizado para adornar esquadrias e telhados, a colocação dos lambrequins nos beirais da casa e o vidro nas esquadrias (Figura 10).

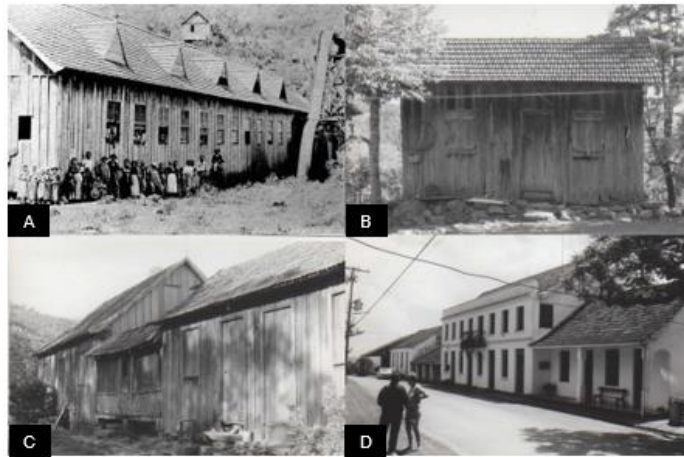


Figura 10: Esquema de Imagens que demonstra as quatro fases da arquitetura do período da imigração italiana na Serra Gaúcha. Figura A: Representativo da primeira fase, o Barracão da *Società Tevere*, que servia de abrigo para os imigrantes italianos em sua chegada à Colônia de Caxias em 1905. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, s/d. Figura B: Primeira casa da Família Basso, que representa a segunda fase, ou seja, os abrigos temporários de um único cômodo. Fonte: IPHAE, 1994. Figura C: Segunda residência da Família Basso que pertence à terceira fase, sendo esta constituída por dois blocos ligados por um passadiço. Fonte: IPHAE, 1994. Figura D: Casa da Família Toniolo representativa do quarto período da arquitetura da imigração, sendo caracterizada pelo uso dos blocos maciços, a presença do balcão com parapeito em ferro fundido, a platibanda e os frisos. Fonte: IPHAE, 1994.

O avanço nos fogões a lenha também foi um fator que contribuiu para a modificação do *layout* das construções. Substituiu-se o fogo de chão ou “*focolare*”, diminuindo consideravelmente o risco de incêndio das casas. Dessa forma, foi possível unir a cozinha ao bloco da sala e dos quartos, eliminando o corredor aberto entre os blocos da casa, desagradável nas noites frias de inverno, pois havia a necessidade de percorre-lo para se deslocar de um bloco a outro.

Considerações finais

Importante a todo ser humano, o espaço de habitar, ou a casa propriamente dita, é fundamental para abrigo e proteção, contudo, não se restringe somente às necessidades físicas; a casa é o lugar do convívio, da identidade, da memória e uma representação simbólica da transformação do homem e do seu lugar. Nesse sentido, destacam-se duas dimensões associadas à casa, os aspectos objetivos, que são aqueles que nortearam a construção dos espaços, relativo às necessidades físicas e de abrigo, e os aspectos subjetivos, pelos quais associa-se as necessidades simbólicas, como as relações de poder, as motivações e os valores afetivos ligados à morada.

A partir do estudo dos romances “A Cocanha” e “O Quatrilho” de José Clemente Pozenato, percebe-se que no decorrer das narrativas, essas duas dimensões (objetivas e subjetivas) ficam explícitas em diversos contextos, onde os fatores subjetivos eram as forças que impulsionavam as maiores mudanças e evoluções nos aspectos objetivos da casa, ou seja, as transformações físicas.

Nos romances observa-se que a casa é muito mais do que um conjunto de paredes inanimadas, ela surge como um pivô social, a partir da qual, a família expressava suas características e, principalmente, seu status social. Para tanto, a casa é apresentada no decorrer dessas narrativas como um espaço pleno de significados e valores.

Partindo da obra “A Cocanha”, o autor retrata a simplicidade das construções, mas reafirma, com as falas dos personagens, que aquelas eram apenas temporárias e que com o passar do tempo, assim como foi retratado no enredo literário, as construções evoluíam, acompanhando avanços tecnológicos e desenvolvimento econômico local. Contudo, mais do que demonstrar essas evoluções construtivas, para os moradores (personagens), ela era a materialização da tão sonhada “cocanha”,

era o objeto que cristalizava que eles haviam alcançado os objetivos que os motivaram a migrar para o Brasil.

Deve-se ter em mente que a realidade retratada nos romances se refere às histórias de fortunosas famílias, que obtiveram sucesso ao longo dos anos. Todavia, é importante mencionar que muitas famílias de imigrantes foram vencidas pelos infortúnios de suas trajetórias.

Argumenta-se que, apesar de tratar-se de um romance literário, a obra não se deixa levar pelo ufanismo e saudosismo e retrata uma realidade social onde são expostos problemas e dificuldades rotineiras, questões sociais e políticas tão próximas da realidade, assim como a arquitetura dos colonos italianos.

No tocante à arquitetura, interesse maior deste artigo, além da análise literária, a busca por imagens que retratam as construções dos diferentes períodos auxilia no amparo das informações, bem como ilustram as transformações ao longo do tempo. Nesse sentido, entende-se que as imagens e os romances são materiais importantes para registrar o tempo, o espaço e a identidade.

Por fim, conclui-se que o aspecto material e imaterial dessas casas foi realmente importante para a comunidade de colonos italianos. No contemporâneo, essas construções centenárias estão sendo preservadas e valorizadas, ressaltando o processo da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Essa busca pela valorização do passado surge como um mecanismo para salvaguardar a identidade, a história e a herança cultural que marcaram e transformaram a paisagem regional.

Referências

ALVIM, Zuleika Maria Forcioni. 1986. **Brava gente!** Os italianos em São Paulo 1870-1920. São Paulo: Brasiliense. 2000. "O Brasil italiano (1880- 1920)". In: B. Fausto (org.), *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP. p.383-417.

BARRILI, Lúcia. **Brasileiros - poloneses**: uma identidade construída nas comunidades de Casca e Santo Antônio do Palma - RS (1910 - 2010). 2011. 199 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011.

FÁVARO, Cleci Eulália. Os "italianos": entre a realidade e o discurso. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coord.). **História Geral do Rio Grande do Sul**. Vol. 2 – Império. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 301-319.

FILIPPON, Maria Isabel. *A Casa do Imigrante Italiano, a Linguagem do Espaço de Habitar*. 2007. 153f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Faculdade de Letras. Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

FOGAÇA, Paula. **Patrimônio e Paisagem Cultural**: A imigração italiana em Veranópolis/RS - Brasil. 2019. 275 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Escola Politécnica, Faculdade Meridional, Passo Fundo, 2019.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EdUCS, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GAUDENCIO, Mahayana Nava de Paiva. **DA LITERATURA À ARQUITETURA**: estudo fenomenológico no romance menino de engenho de José Lins do Rego. 2018. 199 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: UNESP, 1998.

LE MOS, Carlos. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.

HERÉDIA, Vânia Beatriz M. A imigração europeia no século passado: o Programa de Colonização no Rio Grande do Sul, **Revista Scripta Nova**, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona [ISSN 1138-9788]. *Migración y Cambio Social* - número extraordinário dedicado ao III Colóquio Internacional de Geocrítica, v. 5, n. 94, Barcelona, ago. 2001.

MANFIO, Vanessa; PIEROZAN, Vinício Luís. Território, cultura e identidade dos colonizadores italianos no Rio Grande do Sul: uma análise da Serra Gaúcha e da Quarta Colônia. **GeoUSP**: Espaço e Tempo (Online), v. 23, n. 1, p. 144-162, abr. 2019. ISSN 2179-0892.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 9. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

POSENATO, Júlio. **Assim vivem os italianos**. Arquitetura da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

POZENATO, José Clemente. **O Quatrilho**. Caxias do Sul, RS: Ed. Maneco, 2008. 264p.

POZENATO, José Clemente. **A Cocanha**. Caxias do Sul, RS: Ed. Maneco, 2011, 352p.